

Diretora de Redação

Claudia Paciornik Macioro

Editora

Marise Heleine

Repórteres: Vânia Casado,

Roberto Nicolato, Luiz Carlos

Rizzo, Marise Heleine

Colaboradores: Antonio Maciel

Botelho Machado, Luiz do Amaral,

Luiz Lourenço, Lútero de Paiva

Ferreira.

Fotos: Kraw Penas**Projeto gráfico e****editoração eletrônica**

Fatoria de Arte, Criação

e Comunicação.

Marketing/Comercial

Méri Magaldi Carreiro

Endereço para correspondência

Alameda Júlia da Costa, 1644

Bigorriho - Curitiba - Paraná

CEP 80730-070

Fone(041)232-0439

Fax(041)232-7227

O MULTIRURAL é distribuído nos seguintes estados: Pr, SC, RS, MT, MS, MG e GO.

O MULTIRURAL é encartado nos seguintes jornais do Estado, com circulação, inclusive no Uruguai, Paraguai, Argentina e vãos regionais da Varig, Vasp e Transbrasil:

Gazeta do Paraná	Cascavel
Diário do Norte	Maringá
Tribuna do Norte	Apucarana
Jornal de Londrina	Londrina
Diário do Noroeste	Paranavaí
Jornal do Oeste	Toledo
Diário da Manhã	Ponta Grossa
Tribuna da Região	Goioerê
O Regional	Assis Chateaubriand
Tribuna do Interior	Campo Mourão
Folha de Palotina	Palotina
O Vale do Piquiri	Ubiratã
Tribuna do Povo	Umuarama
Tribuna da Fronteira	Rio Negro
O Metropolitano	Campo Largo
A Tribuna dos Minérios	Rio Branco do Sul
Folha de Colombo	Colombo
Tribuna Regional	Lapa
Notícia Nova	São Mateus do Sul
Jornal Cidade Clima	Palmeira
Gazeta do Iguaçu	Foz do Iguaçu
Jornal de Beltrão	Francisco Beltrão
O Regional	Nova Esperança
Folha de Irati	Irati
Jornal Mensageiro	Medianeira
A Tribuna de Cianorte	Cianorte
O Melhor	Canoíñas

* Estes jornais atingem mais de 550 localidades no Paraná.

* Os artigos assinados não representam, necessariamente, a opinião deste jornal.

A salvação do Brasil está nos municípios

LUIZ DO AMARAL*

Bem disse o ex-ministro da Agricultura, Antonio Barros de Munhoz: "Existe salvação para o Brasil. Ela está no fortalecimento dos municípios e da agricultura do país". Ele está certo! Afinal, as coisas acontecem nos municípios. São os municípios que sentem toda a problemática social e econômica de sua gente. Eles estão mais perto da população e servem como "amortecedores" da crise gerada pelo desman-do no país. Se não fossem as prefeituras, este país já teria entrado em colapso total. Com ou sem recursos, os prefeitos têm dado vazão às necessidades do povo. São os municípios que estão segurando o Brasil.

Com ou sem entressafra, são as prefeituras que estão se virando para criar frentes de trabalho para amenizar a situação de sua população carente. São elas as responsabilizadas pelo transporte dos estudantes, inclusive dos filhos dos agricultores - que não podem deixar de estudar -, pela merenda escolar, pela capacitação dos professores, pelas reformas das escolas, pela geração de empregos através de incentivos à industrialização. Os grandes municípios já contam com uma área industrial considerável e nem precisam estimular novas, isso é natural. Os pequenos, que vivem basicamen-

te da agricultura, além dessa sobrecarga - que o governo nem de longe sente - têm que usar muita criatividade para administrar e fazer alternativas, especialmente no setor agrícola, acontecerem.

E quem vai fazer alguma coisa pelos municípios? O Governo Federal? E quem vai resolver o problema de adequação e de conservação das estradas rurais? E o cascalhamento das estradas para estimular a suinocultura, avicultura, piscicultura, etc? - a União? Nunca! Só com o fortalecimento dos municípios; vamos transformar este país. Por isso, entre as propostas à revisão constitucional, a Associação dos Municípios do Paraná está defendendo que a receita integral oriunda do Imposto Sobre Propriedade Territorial Rural permaneça no município gerador da receita. A Constituição Federal de 1988 fixou em 50% a parte desse imposto para os municípios. Isso é pouco!

Vamos lutar ainda para que a União transfira aos municípios 36% da receita arrecadada com o Imposto de Renda e Imposto Sobre Produtos Industrializados que compõem o Fundo dos Municípios. Atualmente, o FPM corresponde a 22,5% da receita. Esses recursos vitais para a maioria dos municípios brasileiros vêm sendo ameaçados pelo governo de um corte de 15% para a forma-

ção de um Fundo Social de Emergência. Vamos impedir isso de qualquer jeito. Se for preciso, vamos fechar as prefeituras e entregar as chaves ao governo, para ele administrar. Mas, o próprio ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, admitiu voltar atrás. Se não fosse o FPM, muitos pequenos municípios já teriam sucumbido e, com eles, a agricultura, a saúde, a educação, etc.

Temos consciência da força dos municípios e estamos, a cada impasse, nos mobilizando para manter conquistas ou conseguir novas. Pelo ceticismo do governo em relação aos problemas dos cidadãos, a própria sociedade tem se organizado para arrecadar alimentos para 32 milhões de miseráveis, que vivem, por sinal, nos municípios. Todos os 27 Estados brasileiros já foram mobilizados, num total de 3.346 comitês de participação na campanha. Negros, brancos, amarelos e vermelhos. Todos se unem para combater a pior desgraça dos nossos dias: a fome. Numa atitude exemplar, prático, sem demagogia, nem política. Assim, o povo brasileiro dá um sinal ao governo indiferente, de que creem na viabilidade do país.

A ação de Cidadania contra a Miséria e pela Vida, popularmente conhecida como Campanha contra a Fome, ou simplesmente, a Cam-

panha do Betinho, é um exemplo de como o povo já está cansado de ver tanta passividade neste país cheio de esquemas. É neste Brasil, de gente simples, trabalhadora e honesta, que estão as prefeituras. No outro Brasil, o da CPI, onde estão cadastradas cerca de 30 mil entidades filantrópicas e assistenciais que recebem nos últimos cinco anos, US\$ 50 milhões - mais do que suficientes para tornar real a utopia de matar a fome destes 32 milhões de miseráveis brasileiros, vive o governo.

Só em Assis Chateaubriand, meu município, através da solidariedade do povo, foram arrecadados 36.140 kg de alimentos e distribuídos à famílias carentes cadastradas na prefeitura e nas entidades assistenciais. Uma forte razão para descentralizar as ações. A concentração de recursos na União está na contramão da história. As coisas acontecem nos municípios. Só com a descentralização de recursos para os locais de origem dos problemas, teremos um país mais justo, equilibrado, viável. Só com o fortalecimento da agricultura, nosso Brasil será outro. O ex-ministro Munhoz tinha razão. Disse em alto e bom som, mas ninguém o ouviu. Ele estava certo!

*Luiz do Amaral é presidente da Associação dos Municípios do Paraná e prefeito de Assis Chateaubriand.

COOPERATIVISMO

Apostando em um ano melhor

LUIZ LOURENÇO*

O cooperativismo brasileiro - o do Paraná, em particular - espera que 1994 seja um ano de importantes contribuições à agricultura, e por vários motivos. Primeiro, porque investimos naquela que poderá ser uma das melhores e mais rentáveis safras dos últimos anos. Segundo, porque teremos eleições nos âmbitos estadual e federal. E, terceiro, porque é preciso acreditar que o País vai conseguir enfrentar com maior poder de fogo seus problemas econômicos, a inflação para ser mais exato.

Quanto aos resultados do campo, mais do que nunca os agricultores precisam capitalizar-se, eles que desde 1986, como a maior parte da sociedade, tiveram seus patrimônios dilapidados e seus ganhos neutralizados pelos sucessivos e fracassados pacotes que, em resumo, só fizeram tumultuar a vida nacional e produzir milhões de miseráveis com

a recessão que sobreveio.

É lamentável apenas que a possibilidade de ganhos, este ano, seja decorrente de problemas ocorridos em outras nações produtoras, e não efetivamente de uma capacidade de reação do mercado brasileiro. Durante os anos oitenta e até recentemente, o segmento agrícola, a despeito de sua importância para a economia, era a imagem da desolação, com o sucateamento do parque de máquinas, a falta de tecnologia mais apropriada, o empobrecimento, sobretudo dos pequenos proprietários, e a existência de políticas contrárias, como a prioridade para as importações.

Em 93, com a sucessiva troca de ministros na pasta da Agricultura, o segmento não teve a quem recorrer. Mesmo assim, partiu em busca de uma reestruturação para melhorar níveis de competitividade em muitas áreas, contando aí com o apoio indispensável do cooperativismo. Sem as cooperativas, com seu

arrojo, flexibilidade perante as crises e seus programas de diversificação, os produtores estariam completamente abandonados.

Agora, mais do que um simples ministro, precisamos de alguém capaz de fazer um planejamento que nos permita crescer. A agricultura não pode prescindir da modernização, da adequação aos novos tempos e, é claro, de um tratamento mais digno e respeitoso.

Aliás, a questão do tratamento passa pelas eleições. E nós, do setor rural, não podemos mais ficar de braços cruzados. Chegou o momento da agricultura, antes impassível, movimentar-se e eleger seus próprios deputados federais e senadores, gente conhecedora e comprometida com a realidade do campo, que esteja em Brasília para defender os interesses para os quais foi eleita.

Com relação a isso, o cooperativismo do Paraná vem procurando esclarecer seus associados, na tentativa de evitar a dispersão de

votos. Temos condições de eleger bons representantes e é isso que pretendemos.

Por fim, importante registrar que a sociedade, como um todo, não aguenta mais uma inflação que desponta como a maior e mais devastadora da história do País. E, no esforço para amenizar seus efeitos, vemos outra vez, que a agricultura tem importância fundamental, caso haja estímulo para a produção de alimentos em larga escala.

Uma nação de dimensões continentais e dotada de grandes potenciais, vocações e talentos, não pode esquecer o campo. Além da geração de divisas (e nossos produtos estão sempre entre os primeiros na lista de exportações), temos um amplo mercado interno a ser descartado tão logo a população adquira maior poder de compra.

* Luiz Lourenço é presidente da Cocamar - Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá Ltda.

DESTA VEZ, COLHEITA DE LUCROS

Produtores rurais do Norte do Paraná estão otimistas.

LUIZ CARLOS RIZZO

Maringá - Soja, milho - e até algodão - devem dar lucro em 93/94. O tempo vem ajudando e as tendências de mercado são favoráveis. Até que enfim, o reinício da capitalização do produtor rural depois de anos produzindo "só para pagar o banco". Costumeiramente cético, desta vez o presidente da Cocamar (Cooperativa dos Agropecuaristas de Maringá), Luiz Lourenço, é só otimista:

-Para falar a verdade, a safra de verão 93/94 marcará o reinício efetivo da capitalização de produtores de soja, milho e até de algodão. O tempo corre favoravelmente e as tendências de mercado também ajudam. O aumento substancial na compra de máquinas e implementos pelos agricultores confirma esta nossa previsão.

Realmente. Uma rápida volta pelo campo, na região de Maringá, responsável por mais de 10% da produção paranaense de grãos, confirma a expectativa otimista, embora o produtor rural - por hábito - não deixe de apresentar suas queixas. Talvez reflexo de tanto apanhar da política econômica federal, dos altos custos dos insumos, baixos preços de comercialização, pragas, doenças,

estiagem, chuvas em excesso...

Vitor Luiz de Oliveira, cuja família planta 150 alqueires de soja, além de 60 de milho, em cinco propriedades distintas em Iguaçu, aumentou em 30 alqueires a área de soja em 93/94. "O clima está ajudando e se continuar assim, teremos uma grande safra", aposta Osmar Benedito de Oliveira, o pai.

Otimista, a família prevê produtividade de 95 a 100 sacas contra 80 sacas por alqueire do ano passado. Parte da área foi financiada e, mesmo com o "baixo lucro" da safra anterior, foi possível a compra de mais terras. Quantos alqueires? A família desconversa e diz que a terra está muito cara na região de Maringá: no mínimo, US\$ 5 mil o alqueire.

Os irmãos Pedroni - Leonardo e Mauro - plantam entre as propriedades de Maringá e Cianorte quase 70 alqueires de soja por causa de uma situação curiosa: o imóvel rural maringaense, na realidade, está dentro do perímetro urbano e, se optassem por milho, "involuntariamente iriam contribuir em demasia com a Campanha Nacional Contra a Fome", diz, brincando, Leonardo.

Os Oliveira, de Iguaçu, optaram por 60 alqueires de milho para

diversificar a produção e pela confiança nas tendências do mercado.

EUFORIA

Leonardo Pedroni não encontra espaço para euforia: "Com o custo alto do dinheiro, para plantio e colheita, fica impossível bancar tudo com recursos próprios. A gente recorre aos bancos e entra em parafuso por causa dos juros altíssimos. Estamos fazendo apenas para a sobrevivência", diz, deixando escapar que, das 7.000 sacas colhidas ano passado, sobraram (líquido) 2.000 para cada sócio-irmão.

Na sua opinião, esta safra não deve ser superdimensionada. Sua justificativa: os quatro tratores ainda são dos anos de fabricação 73, 80, 82 e 84. E a colheiteira data de 1.980. "Dá muito medo fazer grandes investimentos mesmo com esta euforia toda em torno da próxima safra de verão. O agricultor está calejado de tanto apanhar e não pode arriscar seu patrimônio", justifica.

A família de Antonio Marcos Lucas planta 108 alqueires entre Maringá, Sarandi e Paíandu. Ao lado do otimismo com a soja, alia-se a euforia em torno do milho-safrinha, plantado no inverno principalmente em substituição ao trigo. Na safra passada, em pleno inverno,



Luiz Lourenço, presidente da Cocamar

obteve 140 a 150 sacas por alqueire. Mas, cautelosos, os Lucas reservaram dos 108 alqueires pelo menos 60% da área ao trigo. Isto porque, na propriedade, já existe uma estrutura voltada ao binômio soja/trigo.

Antonio Marcos Lucas assegura não ter investido forte em milho nesta safra de verão pela fragilidade desta cultura frente a estiagem. Bastam, segundo ele, 15 dias sem chuva para a planta secar "rapidinho", especialmente se estiver nas fases de pendação e espigamento, as mais críticas durante o desenvolvimento vegetativo. ■

A LONGA VIAGEM DA SOJA

320 mil toneladas. Este o volume de soja que a Cocamar espera receber em seus armazéns na safra 93/94, cuja colheita começa em março. Trata-se de recorde, já que a maior quantidade foi em 89/90 - 310 mil toneladas. A perspectiva de cotação de US\$ 11/saca em abril animou os produtores a investir firme.

Só na parte agrícola, o grão, que ocupa 180 mil hectares na região de Maringá, envolve quatro mil produtores na área sob abrangência da Cocamar (50 municípios do Norte/Nordeste). Eles movimentarão algo ao redor de US\$ 80,1 milhões em plantio, insumos, combustíveis, salários e imposto (Funrural).

Para transportar a soja das lavouras aos armazéns graneleiros, serão feitas 35 mil viagens de caminhão, que consumirão de combustível o equivalente a US\$ 590 mil. Na região, a oleaginosa gera 3.700 empregos diretos e consome US\$ 10,8 milhões em insumos. A safra regional de 320 mil toneladas permitirá faturamento bruto - em nível de propriedade rural - de US\$ 50 milhões de acordo com estimativa de técnicos da Cocamar - Cooperativa dos Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá. O grão é plantado em 5.460 propriedades da região.

Soja a US\$ 10/11 a saca. É só euforia.

Arquivo Emater



Tem produtor rindo à toa.

O choro é livre e faz parte das regras do jogo numa atividade vítima da política econômica federal que privilegia indústria e segmento financeiro. Mas, em relação ao sojicultor, o choro é mais para não perder o hábito do que para justificar uma situação desfavorável.

Com as tendências de mercado favoráveis para esta oleaginosa originária do Sudeste Asiático, os produtores rurais paranaenses sabem que a cultura

permitirá lucros substanciais, permitindo-se em parte compensar prejuízos acumulados no trigo, lavoura que ocupa o lugar da soja no inverno.

Segundo Lourdes Shibata, técnica da área de soja do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e do Abas-

tecimento, a grande responsável pela euforia no setor é a queda considerável da safra norte-americana em 93. A colheita, encerrada após setembro, sofreu desfalque de 10 milhões de toneladas, caindo de 59 para 49 milhões de toneladas. Algo ao redor de 16%.

Se o percentual aparentemente não representa muito, o volume, sim. Afinal, os Estados Unidos são os maiores produtores do planeta, respondendo por quase 50% do volume mundial.

No ano comercial 93/94, os norte-americanos priorizarão o abas-

tecimento de mercado interno, reduzindo-se ao máximo as exportações. Detalhe: nos EUA, assim como na Europa, a soja é usada basicamente para ração animal.

Assim, por conta das fortes chuvas e enchentes no Meio-Oeste americano (Illinois, Iowa, Minnesota, Arkansas), o principal pólo produtor do grão nos Estados Unidos, os sojicultores abaixo da linha do Equador esfregam as mãos de contentamento. Para abril, a cotação deve bater quase nos US\$ 10 a saca, não sendo surpresa se ela chegar a US\$ 11 durante a colheita. Ou um pouco adiante.

O Paraná, que planta esta cultura em 2,15 milhões de hectares, prevê produção de 4,5/5 milhões de toneladas em 93/94 de uma estimativa nacional de 23 milhões de toneladas.

Para quem gosta de números: a produção mundial está prevista em 110 milhões de toneladas, sendo o Brasil o segundo maior produtor. ■